

O dia que o rio Anajás secou

Rossimar da Nóbrega¹

Secretaria Municipal de Educação, Anajás, Pará, Brasil.

rossimarn@gmail.com

De uns certos tempos pra cá,
Não tenho dormido direito
E pretendendo saber,
O que aflige meu peito
Vou contar pra vocês
O que se passa em meu leito.

Foi um sonho, que sonhei,
É um sonhar recorrente,
Me deixa encabulado
Pensando pra trás e pra frente,
Como é que soluciona
Esse embaraço da mente.

Ouçam com muita atenção
O que vai dizer esse amigo,
Opinem sobre o dilema
Que afinal é um perigo,
Pois se o sonho acontecer
Todos sofreram comigo.

Sonhei que num tinha mais rio,
Que o Anajás secou,
Que a água do Mocoões

Recebido em 01 de novembro de 2024. Aceito em 13 de dezembro de 2025

¹ É pedagogo, geógrafo, especialista em estudos amazônicos, cultura afro-brasileira, língua de sinais e gestão escolar.

O sol a evaporou,
Com essa minha visão
Meus zói não se aguentou.

Comecei a passear,
No que antes era a beirada
De uns certos tempos pra cá,
Não tenho dormido direito
E pretendendo saber,
O que aflige meu peito
Vou contar pra vocês
O que se passa em meu leito.

Foi um sonho, que sonhei,
É um sonhar recorrente,
Me deixa encabulado
Pensando pra trás e pra frente,
Como é que soluciona
Esse embaraço da mente.

Ouçam com muita atenção
O que vai dizer esse amigo,
Opinem sobre o dilema
Que afinal é um perigo,
Pois se o sonho acontecer
Todos sofreram comigo.

Sonhei que num tinha mais rio,
Que o Anajás secou,
Que a água do Mocoões
O sol a evaporou,

Com essa minha visão
Meus zói não se aguentou.

Comecei a passear,
No que antes era a beirada
De um rio formoso e belo,
Mais resolvi fazer parada,
pois onde antes havia água
agora era uma estrada.

Na frente da prefeitura
E do trapiche municipal,
Uns meninos jogavam bola,
Com uns travessão de pau,
Quando vi aquela cena,
Quase morro, passei mal,

Era de tardezinha,
E o mês era de junho,
Vinha uma procissão,
Traziam a imagem a punho,
Onde antes tinha um rio
que agora era um rascunho.

Pediam em preces, água,
Aos santos e também ao Pai,

Bem no meio do torrão,
Onde foi o Anajás,
Com sede, também com fome
Já não aguentavam mais.

O desespero era grande,
Dos homens, das mulher e também dos meninim
Acabou-se toda fartura
Não tinha mais jiju, não tinha mais surubim,
Pensei naquele momento,
Chegou meu Deus, nosso fim.

Vi ainda os barqueiros
Chorando sem entender,
Viram todo o patrimônio
Num instante, se perder
E desprovidos de posse
Não sabiam o que fazer.

Não tinham pra quem vender,
Também os comerciantes,
Os que antes eram atores
Tornaram-se figurantes,
Não ficou de pé nem a força
Dos nossos muitos estudantes.

Andei mais um bocadinho
pro meio daquele torrão,
Quando vi bem branquinha
Uma pedrinha no chão,

Peguei, mas estava tão quente,
Que despertei da visão.

Foi grande minha alegria
Ao perceber que era só sonho,

O que me apoquentava
E me deixava tristonho,
Então foi que pode ouvir
O meu coração risonho.

E nesse meu despertar,
Me pus logo de pé,
Quando gritou um menino
Olha o peixe, ainda tem mandubé,
os bichinhos tão bem fresquinhos
Direto do igarapé.

Sai pra beira apressado,
Pra ver o rio formoso,
Cheguei bem de pertinho
Ainda um pouco nervoso
Dei logo foi um mergulho
Nas águas do caudaloso.

Fiquei pensando mais tarde
Se isso não era um sinal,
Pois com tanto desrespeito
Que nós fazemos ao tal,
Penso que foi um aviso
Que o rio nos deu afinal!

Em fim, foi só um sonho,
Mas falo com clareza,
que é preciso no presente,
preservar a natureza

pra desfrutar com orgulho,
de toda a sua beleza.

Termino aqui meu cordel,
Não como um cordelista nato,
Como um versejador barato
Que tem de Deus essa luz
Pra fazer lorotas bem trabalhadas
Que a imaginação conduz
Anajás é encantada,
E seu encanto seduz.

E pra encerrar, essa estória.
Que fique na nossa memória
E não saia nunca mais
Preservemos a natureza
E viva o nosso Anajás!



Figura 1- Igaparé Sapparará, afluente do rio Anajás. A primeira foto foi tirada em fevereiro de 2023 com a maré cheia e a segunda em novembro de 2023, onde a maré está seca. Fotos: Rossimar da Nóbrega, 2023.